

## Rifteamento sul-atlântico e vulcanismo Paraná-Etendeka pela rotação horária da América do Sul

Peter Szatmari e Edison J. Milani  
Petrobras/Cenpes/Pdgeo

A rotação anti-horária do continente sul-americano no Eocretáceo, por 11° ao redor de um pólo situado no nordeste do Brasil, foi sugerido por Rabinowitz e LaBrecque (1979) para explicar a crescente largura da bacia salífera para o sudoeste e a compressão no noroeste. Pindell e Dewey (1982) sugeriram que não houve compressão na Margem Equatorial e que a abertura da bacia sul-atlântica preenchida por sal foi compensada somente pela abertura de riftes na África, como a Fossa do Benué. No entanto, a presença de transtensão sinistral nos curtos segmentos nas quais o rifte deflete-se o rifte mais a nordeste por estruturas proterozóicas, como no norte da Bacia de Santos e na do Sergipe, é coerente com o esquema de rotação anti-horária proposto por Rabinowitz e LaBrecque. Sugere-se aqui que o intenso vulcanismo basáltico que, cerca 20 Ma após o começo do rifteamento, produziu no Hauteriviano (136-130 Ma) os grandes enxames de diques de Ceará-Mirim, Colatina, Guapiara e Ponta Grossa, transversais ao rifte e às estruturas proterozóicas, também resultou da mesma rotação continental anti-horária. Isso explicaria o forte aumento do volume de magma para o sudoeste, do enxame de Ceará-Mirim, próximo ao pólo de rotação, ao de Ponta Grossa; a presença de derrames gigantes de basalto adjacente a este; e a de uma seqüência de *seaward dipping reflectors* na Bacia de Pelotas.